

# Uma utopia, nada mais

2 - MA. 1993  
O GLOBO

JOSÉ SARNEY

O Brasil está precisando de uma utopia. De alguma coisa que nos leve a esquecer o impossível. É preciso conjurar com urgência o culto da mórbida visão de que estamos sempre à beira daquele abismo de que tanto se falou na História do Brasil. Carlos Lacerda, uma vez, naquela bravura cívica que caracterizou a sua vida, teve uma expressão que era o sentimento máximo dessa revolta: "Não há mais o abismo, roubaram até o abismo."

A idéia da utopia persegue, ou melhor, ajuda o homem desde o dia em que, ninguém sabe como ocorreu, ele foi capaz de saber que existia, tinha consciência da vida. Sua utopia foi a eternidade, o desejo de ser eterno. Platão e Thomas Morus foram os primeiros a escrever o sonho de uma república imaginária em que fosse encontrada a felicidade e uma convivência ideal. A utopia não leva irremediavelmente ao irrealizável, mas pode ser um sonho, uma realidade feita de imaginação. Esta nada nos impede de perseguir. E, ao sonhar, podemos mesmo chegar ao delírio.

Sorel estudou a utopia e o mito. Aquela, obra de teóricos, este, expressão de um grupo que "vai para o combate para destruir o que existe" ("Reflexões sobre a violência"). O leninismo foi fértil em mitos, como o da greve geral e a ditadura do proletariado. O mito é destruidor, a utopia é fertilizadora, criativa e generosa. Dela fica sempre alguma coisa ou grandes coisas.

O Brasil deve destruir mitos e semear utopias. Acabar com o mito de que estamos na grande desgraça, que caminhamos para o desfiladeiro, que não há solução, que tudo está errado, que todos somos "heróis sem caráter", no culto eterno de Macunaíma.

Semear e renascer a utopia do orgulho nacional, do nosso grande destino, de que somos maior do que nossos problemas e de que chegaremos ao século XXI com a solução econômica encontrada, com melhores indicadores sociais, com uma sociedade mais justa, mais humana, sem problemas de religião, de raça, de fronteira, de etnias. Que sairemos desse atraso de instituições políticas do século XIX que temos hoje com partidos fortes, sistema eleitoral legítimo, sem abusos econômicos, fraude, coação e uma administração gerida pelos recursos humanos selecionados pelo mérito, organizada, eficiente, prestando excelente serviços à população. A violência fora das ruas, aparelho policial confiável e eficiente, sem cadáveres na Baixada Fluminense, o povo andando tranquilo e seguro na rua, homens e mulheres felizes, extasiados pelo prazer das paisagens, a qualquer hora do dia e

da noite, sem assaltos, uns respeitando os outros e o espírito de um grande Brasil boiando do Oiapoque ao Chuí. Utopia? Que seja. Fora o racional! Pensemos no impossível, para fazer o possível.

Pelo que se vê, há uma impressão de que todos pensam só haver um caminho para o sucesso político: a política da terra arrasada, que é a mais arrasada de todas as políticas. Destruir tudo para, no cultivo da desgraça, encontrar a vitória. Há um modismo em desconhecer o que o país tem de bom, de humano: o brasileiro cordial. Mataram-no, mas ele existe. Todos só olham a lei do Gerson, que o pobre do Gerson diz que não é dele e, ao contrário, exploração de sua inocência e ledó engano.

Dizem que Licurgo, com seu Código de Ética, fez com que os gregos fossem salvos nas Termópilas. Napoleão, Alexandre, Júlio César, Colombo teriam sido possíveis sem uma utopia? Foram as utopias nacionais que os criaram e não eles quem as criaram.

O Brasil não pode viver mais sem a sua utopia. Ele não pode mais alimentar-se nos cadáveres dos seus sonhos, mas na esperança do seu grande destino. É necessário um projeto nacional, uma coesão de forças idealistas, unidade que não seja unanimidade, mas um desejo coletivo de sonhar. Sobretudo, é necessário acreditar que o Brasil é viável, capaz de realizar seu grande destino e ocupar no mundo o lugar que a ele está destinado.

Devemos reconhecer que o debate nacional está pobre. Só se fala de economia, e na economia só se fala de inflação. Lembremos que na Utopia, aquela república impossível, o ouro não tinha valor. Ele servia para confeccionar as correntes dos presos.

A economia é a circunstância, o eterno são os sonhos nacionais. Já afirmei certa vez, lembrando-me de Odylo Costa, filho, que uma nação se faz com poetas, políticos e historiadores. Os historiadores para falar do passado, os políticos para tratar do presente e os poetas para sonhar o futuro. E não faz mal que todos três sejam poetas.

Que venha a nossa utopia. Ela vai servir para abrir a porteira, deixar passar nossas esperanças e, como se diz no Nordeste, aí "passa boi, passa boiada", tudo que desejamos que seja resolvido, até "galho de ingazeira", do verso de Manoel Bandeira, do trem do Catende.

Passa a esperança que não deve morrer. Chega a certeza do orgulho de nossa grande Pátria.

A solução nacional está na construção dessa utopia. A nossa utopia. Nada mais.

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo Amapá.